

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL**

O PSICOPEDAGOGO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

MARLY DO CARMO DE SOUZA LEÃO

ANÁPOLIS, GOIÁS

MARLY DO CARMO DE SOUZA LEÃO

O PSICOPEDAGOGO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Monografia apresentada à Coordenação Pedagógica
Coordenação Pedagógica do Curso de Pós-graduação da
Faculdade Católica de Anápolis, como exigência parcial para
obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia, sob
orientação da prof^a Ms. Ivana Alves Monnerat de Azevedo.

Anápolis, Outubro 2009

MARLY DO CARMO DE SOUZA LEÃO

Monografia apresentada à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à obtenção do título de Pós-graduação - Especialização em Psicopedagogia Institucional.

Anápolis-GO, 20 de Agosto de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Ivana Alves Monnerat de Azevedo
Orientadora

Prof^a. Ms. Edna Silva Farias
Examinadora

Prof^a. Francisco Jacob de Oliveira Filho
Coordenadora

Nota: ____ (_____)

Dedico este trabalho aos meus queridos filhos, pela dedicação e confiança que depositaram em mim durante essa caminhada. Amo vocês de todo o meu coração. Vocês são especiais!

Agradeço a Deus por tudo que Ele fez por mim nesta jornada que pensei ser impossível, mas o cuidado de Deus e o amor ficou acima de todas as barreiras.

A minha família, minhas irmãs que oraram sem cesar por mim..

A todos os professores e em especial à professora Ivana, minha orientadora e amiga pelo carinho, compreensão e dedicação que me ajudaram a superar minhas dificuldades e vencer mais esse desafio.

“Escola é o lugar onde se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários conceitos..(...)
Importante na escola não é só estudar,
É também criar laços de amizade, é criar
Ambiente de camaradagem, é conviver,
É se amarrar nela. Ora é lógico...
Em uma escola assim vai ser fácil estudar
Crescer, fazer amigos, educar e ser feliz”

(PAULO FREIRE, 1999)

RESUMO

Percebendo como os resultados alcançados nas séries iniciais, apresentam de maneira ineficientes, principalmente com relação aos processos de leitura e escrita pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e que isso de constituem em um dos principais entraves do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, observa-se a necessidade de analisar, por meio da pesquisa bibliográfica os principais condicionantes, bem como identificar estratégias que contribuem para o desenvolvimento mais eficiente desses processos, tendo como referenciais, as contribuições do psicopedagogo como mediador dessa atividade e a realização do estudo das bibliografias consagradas no assunto buscando assim, compreender como o processo ensino-aprendizagem é realizado; destacando e analisando as dificuldades vivenciadas pelos alunos na aprendizagem da leitura e na construção de ações aplicáveis que possam favorecer esses processos; Identificando os pontos mais críticos durante o processo de aquisição da leitura e da escrita. Para tanto o estudo embasa-se em teóricos consagrados no assunto, como Ferreiro (1993), Freire 1981, Lima (1996) e outros.

PALAVRAS CHAVE Escola. Leitura. Escrita. Psicopedagogo. Aluno

ABSTRACT

Seeing the results achieved in the early grades, have so inefficient, particularly with respect to the processes of reading and writing by students of the early years of elementary school, and it is one of the main obstacles in the process of teaching and learning. In this sense, there is the need to look through the literature the main constraints and identify strategies that contribute to the development of more efficient processes, having as reference, the contributions of psychoeducator as a mediator of this activity and the study enshrined in the bibliographies of the subject thus seeking to understand how the teaching-learning process is performed; analyzing and highlighting the difficulties experienced by students in reading and construction of applicable actions that can support these processes, identifying the most critical points in the process acquisition of reading and writing. For both the study were based on the known theoretical subject, as Smith (1993), Freire 1981, Lima (1996) and others.

WORDS KEY: School. Reading. Writing. Psychoeducator. student

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I OS PROCESSOS DE LEITURA E DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	13
CAPÍTULO II A MEDIAÇÃO PSICOPEDAGOGICA NOS PROCESSOS DE LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	19
CAPÍTULO III O DIAGNÓSTICO DOS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Sabe-se que vários fatores influenciam o desenvolvimento da linguagem expressiva de modo objetivo e concreto. A instituição escolar, de maneira geral, tem realizado trabalhos envolvendo variadas metodologias, preparando o educando, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, para 'ler e escrever', com regras pré-estabelecidas.

Essa prática pedagógica proporciona o desenvolvimento da expressividade e do uso funcional da linguagem, da leitura e da reflexão sobre o mundo. Em seus estudos Vygotsky (1997) constatou a importância das interações para o sujeito desenvolver e adquirir experiências acumuladas pelas interações.

Dessa forma, o ato de ler e escrever se dá a partir de dados empíricos. Isso se torna possível pela interação entre os elementos da práxis cotidiana do aluno, e quanto maior for a concordância entre eles, maior será a probabilidade de êxito nesse processo.

Ao refletir sobre a educação brasileira e os altos índices da falta de leitura e de escrita praticadas pela população é que surgem as preocupações e campanhas que visam motivar para a aquisição da leitura e da escrita desde a educação infantil.

Ensinar as crianças a ler, a escrever e a se expressar de maneira competente é um dos grandes desafios dos professores do Ensino Fundamental. Todavia, observa-se que existe um número extenso de alunos que terminam a primeira fase do ensino fundamental sem adquirirem, de forma satisfatória, a leitura e a escrita.

Diante de tais problemas e que se questiona; O que influencia no aprendizado dessas crianças? Quais os pontos que estão por trás dessa questão? Qual é o papel do psicopedagogo na mediação dessa problemática?

Sabe-se que muito antes de ir para a escola a criança já está em contato com o mundo da leitura e da escrita. Assim, alguns estudiosos destacam a importância de se estabelecer um elo entre essa construção natural da criança e o processo de aquisição do conhecimento, durante a sua escolarização.

Atualmente, no Brasil, segundo o último senso demográfico do IBGE, cerca de 40% das crianças da primeira fase do Ensino Fundamental são retidas no final do ano porque não conseguem aprender a ler ou escrever.

Acredita-se que ler e escrever são exercícios essenciais que envolvem reflexão, o raciocínio e a experimentação. Mediante tais descobertas foi que surgiu o tema dessa pesquisa, que se justifica pela necessidade de identificação das dificuldades dos alunos, no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, podendo, assim, destacar o papel do psicopedagogo na proposição de alternativas metodológicas, para o enfrentamento das dificuldades nesses processos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Partindo da concepção de que língua oral e escrita como sistema formal e necessário, verifica-se que o papel da escola, como foi dito anteriormente é ensinar a ler e escrever. Todavia sabe-se que o desenvolvimento das capacidades lingüísticas, tais como: ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes das familiares, não acontece espontaneamente e elas precisam ser ensinadas sistematicamente. Contudo, algumas crianças têm mais dificuldade na aquisição desses atributos, que outras.

Com base nesta problemática pergunta-se: Quais fatores implicam na não aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental? De que forma o psicopedagogo poderia contribuir para o melhor rendimento das crianças durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita? Que alternativas metodológicas podem ser indicadas para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem na leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental?

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica objetiva identificar como se dá a aquisição da leitura e da escrita, dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, buscando refletir sobre os entraves que surgem durante essa caminhada, qual o papel do psicopedagogo em situações de dificuldade de aprendizagem, podendo assim, diagnosticar os distúrbios da leitura e da Escrita no Ensino Fundamental.

Logo, a pesquisa está dividida em três capítulos, no primeiro é abordada a questão da leitura e da escrita no Ensino Fundamental. No segundo busca-se estudar sobre a mediação psicopedagógica nos processos de leitura e escrita no Ensino

Fundamental e no terceiro buscou-se estabelecer um diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem da leitura e da escrita no Ensino Fundamental.

Por fim, espera-se que esse estudo contribua, de maneira positiva, para a prática pedagógica dos educadores e dos futuros Psicopedagogos, na identificação dos problemas e da busca de estratégias voltadas para essa questão e que permeiam o processo de aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO I

OS PROCESSOS DE LEITURA E DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

“ Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre texto e contexto e como vinculo com meu texto”. (Paulo Freire, 1981)

Sabe-se que há algum tempo o processo de leitura e escrita no Ensino Fundamental, era visto como um sistema de decodificação de símbolos, onde o aluno se aproximava dos códigos linguísticos e os decorava, contudo, hoje propõem-se a leitura da palavra, não de forma desconexa, solta desvinculada da vida do aluno, pois, como disse o mestre Freire (1981, p 45):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Ampliando essas afirmativas, Saussure (1999) diz que são quatro as habilidades da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. Dessas, a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa, abrangendo duas operações fundamentais, quais sejam, a decodificação e a compreensão.

Segundo esse pesquisador, a decodificação refere-se à capacidade que os sujeitos têm de agirem como escritores, leitores ou aprendentes de uma língua para identificarmos um signo, um gráfico, por um nome ou por um som. Essa capacidade ou competência linguística consiste no reconhecimento das letras gráficas e em sua tradução para a linguagem oral ou para outro sistema de signo.

A aprendizagem da decodificação se realiza por meio do conhecimento do alfabeto e da leitura oral ou transcrição de um texto. Conhecer o alfabeto não significa apenas o reconhecimento das letras, e sim, entendermos a evolução da escrita como:

a) apictográfica (desenho figurativo), b) a ideografia (representação de idéias sem indicação dos sons das palavras), c) e a fonográfica (representação dos sons das palavras). Toda palavra tem uma origem, uma motivação e, a rigor, não é absolutamente arbitrária como diz Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Linguística Geral.

Segundo Cipriano e Wandresen (2005, p.215): “ A escrita é um sistema de representação”. Acredita-se, pois, que a escrita é uma tecnologia, criada e desenvolvida historicamente nas sociedades humanas.

A escrita surgiu por volta do ano 4000 a.c, (Antes de Cristo) na época do surgimento das civilizações do Egito e da Mesopotâmia. A invenção da escrita realizou-se de várias maneiras, em momentos diferentes e em diferentes locais, correspondendo sempre à necessidades da civilização humana, em sociedades relativamente desenvolvidas, do comércio ativo e do estado organizado.

Ao que tudo indica, a escrita é uma conseqüência da pictografia, e se parece com ela na medida em que é basicamente um acordo sobre os significados que devem ser atribuídos aos símbolos – desenhos da pictografia, sinais gráficos da escrita. Sua finalidade é estabelecer um sistema convencional e, por meio desse, os membros de um grupo pode comunicar-se entre si e com seus sucessores, de forma precisa e duradoura.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo e, certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Alguns estudiosos concebem a leitura como a possibilidade de abertura ao mundo e o caminho para um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo. A cada mergulho ou aprofundamento nas camadas dos livros emerge-se para o universo interior e exterior com mais clareza. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Português (1997, p. 53), encontra-se a seguinte definição para leitura,

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua.

Em seus estudos, Vygotsky (1999) fala sobre a escrita com significado, incorporada à uma tarefa necessária e relevante para a vida, que se desenvolve como

uma nova e complexa forma de linguagem. Assim passa-se a definir o conceito de linguagem, e que é um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diversos grupos de uma sociedade.

Durante alguns estudo pode-se compreender que o termo linguagem demonstra um sistema organizado de símbolos, complexo, extenso e com propriedades particulares que desempenha as funções de codificação, de estruturação e de consolidação dos dados sensoriais, transmitindo-lhe um determinado sentido ou significado, permitindo, também ao homem comunicar as suas experiências e transmitir os seus saberes - é, portanto, um sistema de troca de informações.

Sabe-se que, a alfabetização não se delimita apenas no processo de decodificação do nome das letras e transcrevendo-as, quando necessário. A aquisição do signo linguístico adentra o fantástico e paradoxal mundo do aprendido.

Para Vygotsky (1987) a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas e defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto nos indivíduos que vai se atualizando conforme o tempo passa, pois, a aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por meio de fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Nesse sentido, aprender consiste no resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.

Percebe-se que hoje, a nova proposta educacional está centrada na aprendizagem, onde o professor é mediador do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse ângulo, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a ressignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e da construção de habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas.

Nos bastidores da aprendizagem há a participação, a mediação e a interatividade porque há um novo ambiente de aprendizagem, remodelizando os papéis dos atores e co-autores do processo e da desarticulação de incertezas e

das novas formas de interação mediadas pela orientação pela condução e pela facilitação dos caminhos a serem seguidos.

Segundo Orlandi (1996), a leitura é uma questão que se abrange a três áreas básicas; a linguística, a pedagogia e a sociedade, cada uma dessas áreas, deve evitar os reducionismos a que têm submetido à leitura.

Para a autora, a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação. No momento em que se realiza o processo de leitura, se configura o espaço da discursividade em que se instaura um modo de significações específicas.

Desde seu nascimento, a criança interage com o meio onde está inserida e já está iniciando o seu processo de construção do conhecimento e de leitura do mundo. Esse processo de construção do conhecimento influenciará mais tarde, a sua alfabetização, ou seja, a aprendizagem da leitura e da escrita.

Mas, em que consiste a alfabetização? Ela não se resume em aprender a ler e escrever letras, palavras, frases e textos de uma forma mecânica e determinar o momento em que este processo consiste em considerar a criança um ser vazio, que o professor irá preencher com informações.

A criança, ao longo do seu desenvolvimento realiza várias leituras de mundo, pois, segundo Lima (1996: 63), “[...] quando ela leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, quando ouve e imita sons etc., ela está lendo [...]”. Trata-se, pois, de uma leitura ampla, mas não menos importante.

Na infância, a criança necessita vivenciar, experimentar para compreender as situações reais. Ela não tem condições de lidar com situações abstratas, necessitando de contínuas participações, contínuas em que envolvam seu próprio mundo e suas necessidades.

Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre essas práticas de escrita, pensar como essas representam graficamente a linguagem.

No contexto da alfabetização ainda é comum encontrar as famosas cartilhas, as quais nem sempre oferecem, espaço, espontaneidade e imaginação para a criança, pois trazem prontas lições e gravuras simplórias. Suas histórias estão longe de atrair a criança para a leitura, seus textos limitados, sem estruturas lingüísticas adequada à

construção da criança, com um diálogo artificial. Apresentam um número reduzido de palavras e são, na maioria das vezes, situações previsíveis que subestimam a inteligência da criança.

Segundo Ferreiro (1993, p. 34): “ A justificativa de tais práticas ancestrais: pretende-se que a criança compreenda a mecânica da decodificação; depois- e somente depois- poderá fazer algo inteligente”. Assim, diante da cartilha a criança sente-se confusa, pois já possui um conhecimento construído, mas na maioria das vezes a escola a trata como uma página em branco, desconsiderando a bagagem que traz consigo .

Sabe-se que é função da escola criar condições, adotar uma propostas pedagógicas que permita a todos os alunos a desenvolver suas capacidades e a aprender os conteúdos necessários para compreender e intervir na própria realidade.

De acordo com a autora (1993, p. 17): “As crianças são facilmente alfabetizáveis; foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas.” A afirmação aponta para a necessidade de se trabalhar a leitura e a escrita, com base na compreensão de suas funções na sociedade, evitando ao máximo a fragmentação do conhecimento.

Ao analisar o pensamento de Ferreiro (1993), entende-se que é possível perceber que o crescimento intelectual não se dá apenas pela acumulação de conhecimentos, como também por grandes períodos de reestruturação de informações e, participando da prática social de sua comunidade, da cultura a que pertence, juntamente com outras pessoas, em situação de dialogicidade, vivenciando as funções sociais da leitura e da escrita, que a criança aprende sobre esses objetos de conhecimentos.

Sendo assim percebe-se que nos anos iniciais, faz-se necessário que o professor busque mecanismos que facilite a aquisição desses processos. (Freire 1992) fala que o educador, como um dos sujeitos envolvidos no processo de alfabetização, precisa de uma preparação adequada tanto na sua base teórica, pedagógica e metodológica, quanto na questão da adequação da realidade vivida pelos educandos.

Ao trabalhar com a leitura e escrita nos anos iniciais, acredita-se que o professor não deve utilizar cartilhas nem atividades e palavras descontextualizadas, mas sim,

carregadas de significados que despertem nos educandos o interesse e o gosto pela leitura, pois:

De acordo com Paulo Freire (1992, p. 76):

Ler um texto é algo sério [...] é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. [...] Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação

Desse modo a aquisição da leitura e da escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser feita a partir de temáticas relevantes aos interesses das crianças, questões que despertem sua curiosidade e que provoquem a busca de novos conhecimentos.

Os alfabetizadores tradicionais questionam muito a utilização de textos no processo de alfabetização, contudo, existe uma corrente (sócio-construtivismo), embasada teoricamente a qual comprova que a alfabetização por textos propicia o desenvolvimento, cognitivo da criança, a língua falada e escrita, assim como o raciocínio lógico da criança.

Logo, para que os processos de leitura e escrita se efetivem de maneira promissora, nos anos iniciais do ensino fundamental, observa-se a necessidade de os educadores desenvolverem um trabalho visando à formação de alunos críticos e reflexivos, que sejam verdadeiramente amantes leitores e não perfeitos decodificadores.

CAPÍTULO II

A MEDIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NOS PROCESSOS DE LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

No contexto educacional o papel do professor é analisado de diversas maneiras. Teixeira (1998) disse que o papel do educador seria o de servir de meio para o desenvolvimento da criança. Na educação infantil, a ênfase tem de ser na autonomia da criança.

Nesse sentido, pode-se perceber que nem sempre as instituições formadoras de professores têm o posicionamento político, as condições pessoais e materiais para programar todas as pré-condições de formação docente necessárias à escola brasileira contemporânea

É justamente nesse momento que se pode avaliar o quanto a leitura e a escrita preparam efetivamente os indivíduos para uma atuação comprometida com o seu contexto.

Apesar das difíceis condições de trabalho e de vida dos professores é notória a frequência com que eles têm participado de cursos de educação continuada, onde buscam se atualizar e refletir sobre a sua prática.

De acordo com Brasil (1997) no Ensino Fundamental tem-se criado políticas educacionais com a finalidade de aperfeiçoar os docentes, cursos de capacitação, oficinas de aprimoramento, compartilhamento de idéias e palestras com temas da atualidade e a utilização de várias metodologias estão sendo estudadas, a fim de atingir com eficiência o seu público alvo, pois, é somente através de uma intervenção crítica sobre as questões que são discutidas nesses espaços de formação pedagógica que o educador será capaz de reconhecer a diversidade dos usos da leitura e da escrita, é importante intervir a partir da consideração dessas diferenças e apresentar propostas para que todos possam aprender.

A tarefa da escola e de todos os educadores que nela atuam, visando ampliar e aumentar o repertório dos aprendizes, facilitarem a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento da articulação entre informações e conexões múltiplas, de análises e de sínteses.

Freire (1992) fala que ensinar a ler e a escrever, contribui para a promoção da socialização, ao acesso à cultura e ao conhecimento como formas de relacionar o que se faz na escola com o que existe fora dela.

O autor citado a cima ainda diz que, tais aspectos são desenvolvidos através da responsabilidade compartilhada entre professor e aluno, em que o primeiro atua como guia, apoio, mediador de cultura e o segundo como sujeito ativo da aprendizagem.

Como consequência, a sala de aula torna-se lugar de pensar, de refletir de compartilhamento, de participação e de diálogo. Constitui-se em ambiente de aprendizagem que gera e as múltiplas situações de leitura e de escrita como atividades relevantes.

O professor deve partir das experiências e dos conhecimentos prévios dos alunos e oferecer atividades significativas e favorecedoras para compreensão do que está sendo feito, através do estabelecimento de relações entre a escola e o meio social.

Freire (1992) afirma que ao atribuir novo significado à leitura e à escrita, a escola assume uma atitude digna de professores que querem ser reconhecidos como produtores de cidadania e que favorecem às jovens gerações, possibilidades efetivas de compreensão de transformação da sua realidade social e pessoal. Torna-se então o centro irradiador de pensamentos, ocupando o ponto principal de um processo compreensivo que orienta os alunos frente a uma sociedade plural, de diferenças, em permanente mudança, nem sempre para melhor.

No que se refere às crianças com dificuldades de aprendizagem é importante elaborar interferências pedagógicas adaptadas e ricas quanto ao método do ensinoaprendizagem, por meio de ações que desbloqueiem suas dificuldades, podendo mudar a forma de sua capacidade, e a sua dinâmica de aprendizagem. Aqui, pode-se focalizar também, o educando com história de repetências e privação sociocultural e as crianças com Dificuldades de Aprendizagem.

Dessa forma, a mediação pedagógica ou psicopedagógica poderá interferir de maneira marcante nesse processo. Vygotsky (1999, p. 94) destaca a mediação como um fator necessário à atividade humana. Segundo o autor:

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem em cena duas vezes: primeiro no nível social, e, depois, no nível individual: primeiro entre pessoas, (como uma categoria interpsicológica) e, depois, no interior da criança (como categoria intrapsicológica)

Fica claro que, no processo de aquisição da linguagem escrita e falada (oral), alguns domínios são requisitados às crianças, sendo assim, o autor citado à cima demonstra que para tal a mediação do adulto é de extrema importância, já que por meio do auxílio do professor, o aluno fará sozinho amanhã, o que realiza com a ajuda de alguém hoje. Assim, a aprendizagem começa a se configurar no nível social e logo após se concretizará na individualidade.

Muitos estudiosos tem falado da importância da mediação na construção da aprendizagem. Para Góes (1997, p. 9): “ É através do outro que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro”. Já Fontana (1997, p. 122) aponta que: “ Pela mediação do outro, revestida de gestos e palavras, a criança vai se apropriando e elaborando as formas de atividade prática e mental consolidadas (e emergentes) de sua cultura”.

Os autores citados a cima dizem que, na troca de experiências, o ensinante (professor) e aprendiz, se envolvem em muitas situações as quais vão sendo assimiladas, e o educador, não mais como o detentor de todo o saber, mas como o mediador do conhecimento, poderá conduzir a aprendizagem de maneira significativa.

Afirmam ainda que, existem casos em que a aprendizagem não flui de maneira natural, mesmo com a mediação do educador, isso se dá por inúmeros motivos, ou distúrbios de aprendizagem, nesses momentos faz-se necessária a mediação de um outro profissional. É oportuno destacar a figura do psicopedagogo como importante elo entre a conquista do conhecimento do aluno com distúrbios de aprendizagem.

Dessa forma, é necessário que se inicie um novo relacionamento, no qual o psicopedagogo criará mecanismos para a construção de conhecimentos a partir da reflexão crítica e do processo de trabalho.

È importante também, que seja feita uma análise minuciosa sobre o porquê da não aprendizagem do aluno e que pontos estão dificultando a aprendizagem desta criança e, segundo Freire (1992), a aprendizagem é uma estrutura que exige um esforço recíproco entre quem ensina e quem aprende, por meio desse relacionamento é que o processo de ensino e aprendizagem pode ser fortalecido.

O psicopedagogo, enquanto mediador desse processo é ator principal na resolução do problema e de estudos podendo desenvolver um trabalho consciente para promover o sucesso daqueles envolvidos por sua mediação, cujas dificuldades de

aprendizagem devem ser observadas como desafios a serem enfrentados e não como derrotas.

O papel do psicopedagogo é de extrema importância pois colabora com as escolas, no planejamento, no desenvolvimento e na revisão das medidas de qualidade educativa, o que implica um maior aprofundamento e ampliação de conteúdos e uma organização em múltiplas áreas e matérias, que são ministradas por diferentes professores.

A mediação do psicopedagogo pode se apresentar multifacetada, já que é direcionado de acordo com as necessidades da unidade escola. Com relação á aquisição da leitura e da escrita, sabe-se que estas são habilidades de primeira necessidade para a sobrevivência na sociedade da atualidade e, desse modo, o assessoramento psicopedagógico pede um ponto fundamental para o desenvolvimento destas habilidades, já que, diagnostica as causas das dificuldades, bem como das causas que o produz.

Bossa (1994) afirma que em meio aos muitos recursos e metodologias utilizados pelos psicopedagogos, estão os jogos psicodramáticos e a psicodrama. Sendo que este é o tratamento do indivíduo e do grupo no qual ele se insere, que usa a ação dramática, onde o protagonista pode ser o indivíduo ou o próprio grupo, essa metodologia ajuda a promover a liberação da espontaneidade da criança, através do brincar, jogos, representações e outras atividades escolhidas livremente por elas; facilitar a estruturação sociométrica do grupo e promover o desenvolvimento da "tele" entre as crianças.

Essa autora diz que o psicodrama visa: ensinar a agir, percebendo-se uma adequação, ou melhor, uma necessidade de buscar soluções para os problemas através de tratamentos que visam uma maior movimentação, agilidade, rapidez e comunicação, numa tentativa de trabalhar tanto o indivíduo em sua interioridade como também em todos os tipos de relações.

MORENO (1988) define o psicodrama como sendo a ciência que, através de métodos dramáticos, explora a "verdade" e confirma a identidade dos participantes como em um espelho.

Já com relação aos jogos psicodramáticos, acredita-se que eles têm um valor formativo porque supõe relação social, interação. Por isso, a participação em jogos

contribui para formação de atitudes sociais: respeito mútuo, solidariedade, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, iniciativa pessoal e grupal.

Piaget (1947, p. 158) afirma que: “O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato que parecem destituídas de significado funcional.”

De acordo com o autor é importante pensar na importância do brincar como refletir sobre os diversos aspectos e fatores que permeiam e envolvem a criança e, assim procurar, através de experiências lúdicas, devolver ao aluno o gosto e o prazer pela escola. A ação de brincar é, por ela mesma, uma coisa natural que só vem colaborar com o desenvolvimento físico e cognitivo do indivíduo.

Sabe-se que a criança é rica em criatividade, sendo capaz de construir um mundo de fantasias, recriar e reelaborar o que já foi criado. Prova disso, são os brinquedos industrializados que chegam às mãos da criança e depois de analisados só terão credibilidade se apresentarem algum teor para a fantasia e o maravilhoso, caso contrário, são abandonados e condenados ao esquecimento no fundo de um baú de brinquedos velhos.

Vygotsky (1999) diz que a brincadeira está interligada à cultura, uma vez que resgata e insere valores ao cotidiano da criança. Ela pode contribuir para a aprendizagem e proporciona, por meio dos jogos, uma compreensão mais ampla em relação ao comportamento humano.

A aprendizagem por meio do lúdico é algo que vem chamando a atenção de muitos profissionais da área da educação. Em torno desse tema vêm surgindo intensas pesquisas e debates que buscam conferir a eficácia da ação lúdica no processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, pode-se perceber que o brincar está intrinsecamente ligado ao aprendizado e que a ação dos jogos lúdicos pode estimular de maneira significativa à formação do educando.

Ao analisar o pensamento de Vygotsky (1987) é possível compreender que o jogo deve fazer parte integrante do programa curricular, sendo um dos recursos didáticos pedagógicos do processo de ensino e não simplesmente como um recurso de última hora, pois através dos jogos os alunos conseguirão assimilar diversas situações que de outra forma pareceria complexa.

Uma das principais teorias de Vygotsky fundamenta-se no pressuposto da interação entre a criança, o meio em que ela vive e o método usado durante o processo de aprendizagem, esses fatores têm influência direta na sua formação como é o caso da teoria da ‘ Zona de Desenvolvimento Proximal’ defendida pelo teórico, na qual ele fala sobre a facilidade de aprendizagem nata da criança, que se torna ainda mais significativa quando auxiliada por outra pessoa. Para Vygotsky, (1987, p. 249):

O significado da palavra é inconstante. Ele modifica-se durante o desenvolvimento da criança e com os diferentes modos de funcionamento do pensamento. Ele não é uma forma estática, mas dinâmica.

Assim, o lúdico proporciona à criança a interação tão necessária para o seu crescimento. Sabe-se que a criança encara a aprendizagem como algo maçante, rotineiro e sem graça, e se não houver uma metodologia apropriada e envolvente a ação educacional pode tornar-se um tormento, fazendo com que essas crianças se distanciem da verdadeira função que tem a educação, que vai muito além do ensino da teoria, mas que possibilita a socialização, a formação crítica e reflexiva do cidadão.

É fato que as brincadeiras têm uma significação para todo ser e perduram por toda uma vida. Brasil (1997) demonstra que no Ensino Fundamental o lúdico se torna uma metodologia eficaz, pois acelera o processo de aprendizagem, levando o aluno a raciocinar e a adequar-se às regras.

Acredita-se que esses e muitos outros recursos e metodologias, podem facilitar o trabalho do psicopedagogo, contudo a sua mediação deve-se fundamentar ainda na avaliação formada por testes, anamneses, entrevistas, e investigações.que permitem ao profissional um aprofundamento na vida do educando, e, conseqüentemente, no cotidiano de sua família e da comunidade que o rodeia, tornando possível a avaliação do indivíduo e a comparação com os padrões de aprendizagem considerados normais, e, posteriormente, a execução das intervenções terapêuticas que se fazem necessárias.

Segundo Bossa(1994) é possível que uma criança não aprenda a escrever porque lhe faltam recursos intelectuais, não sendo capaz de elaborar e testar suas hipótese acerca desse novo objeto de conhecimento.

O problema de aprendizagem funciona como uma mensagem simbólica que o paciente traz como um texto subjetivo. É possível que nessa situação, o não aprender possa atender o interjogo de identificações necessárias ao sujeito. Assim, a mediação psicopedagógica, bem como o jogo representam mecanismos importantes na construção da aprendizagem.

CAPÍTULO III

O DIAGNÓSTICO DOS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com MYKLEBUST, (1997) os distúrbios de aprendizagem na área da leitura e da escrita podem ser atribuídos às mais variadas causas. Como: orgânicas: cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visuais e auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral etc.), deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual), disfunção cerebral e outras enfermidades de longa duração.

As manifestações ou distúrbios de aprendizagem se referem aos psicológicos: desajustes emocionais provocadas pela dificuldade que a criança tem de aprender, gerando a ansiedade, a insegurança e o autoconceito negativo.

Os distúrbios de natureza pedagógica: métodos inadequados de ensino; a falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita; a falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando a partir de uma alfabetização precoce; do relacionamento professor-aluno deficiente; da ausência do não-domínio do conteúdo e do método por parte do professor; do atendimento precário das crianças devido a superlotação nas salas de aula.

A falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e também não é estimulada no lar), a desnutrição; a privação cultural do meio, conduzem à marginalização das crianças com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum.

Há também os distúrbios que constituem-se, em desajustes sócio-culturais que dificultam os processos de leitura e de escrita dos educandos, principalmente, àqueles que apresentam certos distúrbios de aprendizagem.

Myklebust, (1997) diz que a Dislexia é um tipo de distúrbio de leitura que tem como causa porque provoca uma dificuldade específica na aprendizagem e na identificação dos símbolos gráficos, embora a criança apresente inteligência normal, inteligência sensorial e mesmo recebendo estimulação e ensino adequados. A definição de dislexia fixada em 1968 pela Federação Mundial de Neurologia, consagra a imagem

do dislético como um gênio nascido com um estigma mental altamente específico: (MORAIS, 1996)

Devido à falta de informação dos pais e de alguns professores, a dificuldade de identificar os distúrbios de aprendizagem, antes da entrada da criança na escola, a dislexia só é diagnosticada durante o processo de aprendizagem da criança. Nesse sentido, a dificuldade na leitura significa apenas o resultado final de uma série de desorganização que a criança apresenta no seu comportamento pré-verbal, não-verbal e, em todas as funções básicas necessárias para o desenvolvimento da recepção, da expressão e da integração relacionadas à função simbólica MYKLEBUST, (1997)

No universo da dislexia uma pergunta que o permeia é: será que todo dislexo é igual? Sabe-se que todos os seres apresentam características individuais, com qualidades e defeitos próprios, da mesma forma que não existem dois diabéticos iguais, dois hipertensos iguais, os dislexos também não são iguais.

Muitas diferenças podem existir, não apenas no seu estereótipo ou em suas características emocionais, mas, em suas individualidade como um todo. Crianças com dislexia podem ter algumas coisas em comum, todavia, nem sempre vão apresentar comportamentos iguais.

Algumas crianças podem já, de início, apresentar alguns transtornos de aprendizagem na área da leitura e da escrita, sendo que, atualmente os pais e responsáveis precisam tornar-se atentos, já que pesquisas realizadas em vários países demonstram que entre 5% e 17% da população mundial é dislética.

Acredita-se que esse distúrbio deve receber atenção redobrada, já que não é um problema de alfabetização, ou baixa inteligência, como muitos pensam, segundo (Myklebust, 1997). Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico. Por esses múltiplos fatores é que a dislexia deve ser diagnosticada por uma equipe multidisciplinar.

Esse tipo de avaliação dá condições de um acompanhamento mais efetivo das dificuldades após o diagnóstico, direcionando-o às particularidades de cada indivíduo, levando à resultados mais concretos, ressalta-se ainda que esse diagnóstico de maneira nenhuma deva ser feito por pessoas leigas sobre o assunto, já que, cada ser possui suas peculiaridades e individualidades, portanto o diagnóstico dado a cada caso apresenta características únicas e não serve de exemplo para outros casos.

Myklebust, (1997) afirma que alguns sinais são considerados por especialistas no assunto, como marcantes no diagnóstico desse distúrbio. Segundo, os estudiosos no assunto, a dislexia, raramente se encontra de maneira isolada, geralmente se manifestam outros distúrbios que agem em conjunto, no entanto, para que o diagnóstico seja realizado com eficácia é necessária a avaliação psicopedagógica.

Alguns tipos de dislexia são considerados mais comuns e dentre eles se encontram: a Dislexias Periféricas(dislexia por negligencia); a Dislexia da Função; Leitura letra por letra; a Dislexias Centrais(Leitura não semântica); a Dislexias de superfícies; a Dislexias Fonológicas; e a Dislexia Profunda..

Assim, o papel dos educadores, do psicopedagogo e de toda a equipe multidisciplinar é de extrema importância, no diagnóstico desse distúrbio.Essa mesma equipe deve ainda garantir uma maior abrangência do processo de avaliação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso.

Durante o diagnóstico a equipe deve considerar todas as possibilidades de distúrbios e problemas de aprendizagem, como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congenitas e adquiridas), desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar.

Nesse processo ainda é muito importante tomar o parecer da escola, dos pais e levantar o histórico familiar e de evolução do paciente. Essa avaliação não só identifica as causas das dificuldades apresentadas, assim como permite um encaminhamento adequado a cada caso, por meio de um relatório por escrito.

A dislexia diagnosticada de forma rápida facilita o encaminhamento e orienta o acompanhamento consoante às particularidades de cada caso, o que permite que este seja mais eficaz e mais proveitoso, pois o profissional que assumir o caso não precisará de um tempo para identificação do problema, bem como terá ainda acesso a pareceres importantes.(MYKLEBUST, 1997)

Historicamente, a intervenção psicopedagógica vem ocorrendo na assistência às pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem, tanto no diagnóstico quanto na terapia.

Myklebust, (1997) destaca que, diante do baixo desempenho acadêmico, alunos são encaminhados pelas escolas que frequentam, com o objetivo de elucidar a causa

de suas dificuldades. A questão fica, desde o princípio, centrada em quem aprende, ou melhor, em quem não aprende.

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que se dedica ao estudo do processo de aprendizagem e como os diversos elementos envolvidos nesse processo podem facilitar ou prejudicar o seu desenvolvimento. Desse modo o psicopedagogo realiza o trabalho de prevenção, diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizado escolar.

As causas desta dificuldade podem ser de origem física (estrutura do sistema nervoso central e maturidade neurológica) ou psíquica (dificuldade de adaptação social, dificuldade de aceitação de regras de comportamento, falta de interesse e valorização do aprendizado etc.). Qualquer uma dessas causas pode ocasionar sintomas como a falta de atenção e concentração e a dificuldade de compreensão e memorização.

O Psicopedagogo tem como função detectar a origem do problema e, baseado nela, desenvolver atividades que criem momentos propícios que estimulem a aquisição de funções cognitivas que são pré-requisitos para as aprendizagens escolares.

O ato de aprender a ler e escrever apóia-se muitas vezes em um exercício de coragem e persistência. Compreender o fenômeno da aprendizagem, integrando diversas áreas do conhecimento, não é tarefa fácil, tanto para quem aprende como para quem ensina.

Há na literatura, vários modos de conceituar aprendizagem, porém, neste momento, busca-se subsídios nas linhas cognitivistas para desenvolver uma caracterização do processo de aprendizagem.

É inegável a contribuição de Piaget (1976), de seus estudos para a área educacional. Ele afirma que a aprendizagem é um processo necessariamente equilibrante, pois faz com que o sistema cognitivo busque novas formas de interpretar e compreender a realidade enquanto o aluno aprende.

O crescimento cognitivo infantil segundo o autor se dá por meio da equilíbrio majorante, ou seja, o indivíduo constrói esquemas de assimilação para abordar a realidade e, quando assimila, ele incorpora a realidade a seus esquemas de ação, impondo-se ao meio.

Existem determinadas situações em que o indivíduo não consegue assimilar, é a ocasião para que se modifique. Neste caso, a modificação caracteriza o que Piaget

chamou de acomodação. Não existe acomodação sem assimilação, e é no equilíbrio entre essas funções que ocorre a adaptação.

Para tanto, juntamente com toda a equipe escolar, o Psicopedagogo estará mobilizado na construção de um espaço concreto de ensino-aprendizagem, espaço este orientado pela visão de processo, através dos quais todos os participantes se articulam e mobilizam na identificação dos pontos principais a serem intensificados e hierarquizados, para que não haja ruptura da ação, e sim continuidade crítica que impulsionem todos em direção ao saber que definem e lutam por alcançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado com o intuito de compreender como o processo de aquisição da leitura e da escrita é realizado, enfatizando os problemas que interferem negativamente nesses processos, dentre esses, a dislexia, bem como destacar o papel do psicopedagogo nesse processo.

Observa-se que para a efetivação dos processos de leitura e escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental é necessário que os educadores desenvolvam um trabalho visando à formação de alunos críticos e reflexivos, utilizando da bagagem que estes alunos trazem consigo de casa, já que estes adentram as salas de aula carregados de informações, cabendo à escola, bem como, ao professor desenvolver o conhecimento já existente e tecer mecanismos para novos aprendizados.

Durante as pesquisas foi possível aprender que ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto e como vincula com o meu contexto, a leitura da palavra esta vinculada ao mundo cotidiano no qual a criança ou o adulto vive.

A sociedade tem atribuído à leitura um valor positivo absoluto, como detentora de benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade. Uma forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

No entanto, para acontecer o avanço na prática da leitura e da escrita é preciso que os professores sejam comprometidos com a desmistificação das relações sociais, tenham clareza teórica e estimule a presença, a discussão, a pesquisa, o debate e enfrentamento de tudo que se constrói o ser. Além do mais, que esse profissional seja reflexivo em sua prática pedagógica, deve ser sensível a apreensão de possibilidades alternativas, deve ter consciência que é passível de erros, esteja sempre se questionando no seu fazer em sala de aula, indo além das atividades imediatistas, tendo em mente o tipo de homem que quer formar.

Espera-se que, as ideias aqui apresentadas acerca de dificuldades ou distúrbios de leitura e escrita, possam contribuir para uma prática pedagógica mais eficiente na reeducação dos alunos do ensino fundamental.

Contudo, algumas reflexões ainda necessitam ser feitas a respeito da necessidade de se abrir espaços dentro da escola para o estudo e análise do processo de aquisição da escrita, bem como, sobre os distúrbios de aprendizagem e o papel do psicopedagogo, deslocando-se o enfoque do como ensinar para como ocorre a aprendizagem do aluno. Os avanços conceituais na área de alfabetização requerem, da prática escolar, o redimensionamento do aprendizado da escrita e da intervenção pedagógica, subsidiada pelas ações do psicopedagogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIED G., Felipe. CONDEMARIN, Mabil. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento.** Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil** Contribuições a partir da Prática. Artes Médicas Porto Alegre 1994

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília SEF, 1997

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** 39 ed. Local, Editora, 2002

CIPRIANO, I. H. R e WANDRESEN, M. O. L. organizadores, **Coleção Entre Linhas** Alfabetização. Nova Didática. Curitiba. 2000.

CONDEMARIM M., Blomquist M. **Dislexia.** Manual de leitura corretiva. Artes Médica Porto Alegre, 1986.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 10^a ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro 1981

_____. **A importância do ato de ler.** In Col César. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1993.

_____. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005

FONTANA, R. A. C. A elaboração conceitual: a dinâmica das interlocuções na sala de aula. In: SMOLKA, A. L. B.; GÓES. M. C. R. (Orgs). A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygostky e a construção do conhecimento. 5. Reimpressão. Campinas: Papyrus, 1997.

GÓES, M. C. R. As Relações Intersubjetivas na Construção de Conhecimentos. In: SMOLKA, A. L. B. ; GÓES. M. C. R. (Orgs). A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygostky e a construção do conhecimento. 5^a. Reimpressão. Campinas: Papyrus, 1997.

LIMA, Adriana Flávia S. O. **Pré-escola e alfabetização**, uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget. 9ª ed. Petrópolis: Vozes. 1996.

MYKLEBUST G., Engebresten L., Holme I., Bahr R. : **Relationship between floor type and risk of ACL injury in team hand ball**. Scand J Med Sci Sports 1997

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp, 1996.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 09 ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix Ltda. 1988.

ORLANDI, E.P. **A análise de discurso e seus entremeios**: notas sobre a sua história no Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas 1996

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

_____. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1947.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. (1999) Tradução de Beatriz Affonso Neves. 3ª ed. Porto Alegre: Artes médicas. P. 9 – 38. O que se quer ensinar ao aluno no ensino fundamental. Revista Nova Escola – ano XIII – N.º 111. Abril 1998

SAUSSURE, Ferdinand de, **Curso de Linguística Geral**, 8ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A Educação do Homem Segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. (Ogs.). Michael Cole et all. Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. (Ogs.). Michael Cole et all. Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.